ESPELHO DA VIDA HUMANA

Vi a luz em Portugal, na cidade do Porto. Os meus progenitores pessoas bem nascidas, descendiam de judeus que em tempo haviam sido forçados neste reino a abraçar a religião cristã. Meu pai era verdadeiro cristão, observantíssimo dos preceitos da honra e grande prezador da honestidade de costumes. Em sua casa fui criado fidalgamente. Não faltavam servos e na cavalariça cavalo de boa raça espanhola para exercícios de equitação, arte cm que meu pai era versadissimo. e eu de longe lhe seguia as pisadas. Depois de instruído em algumas disciplinas que os mancebos de boa família costumam aprender, passei a estudar Direito. No que toca á índole e condição, era eu por natureza mui piedoso e tão propenso á compaixão, que se alguma vez ouvia contar uma desgraça acontecida a outrem, de modo nenhum podia conter as lágrimas. A vergonha era a tal ponto inata em mim, que de nenhuma cousa eu tinha tanto medo, como do que deslustra o nome. O meu coração não agasalhava nenhum sentimento baixo. e não deixava de abrir a porta á ira, se a causa justa o requeria. Assim que eu era na verdade adverso aos soberbos e insolentes que por des­prezo e violência costumam agravar os seus semelhantes, desejando apadrinhar os fracos e pondo-me de preferência ao lado deles. Pelo que respeita a religião, padeci na minha vida cousas inacreditáveis. Fui criado, segundo o costume daquele reino, na religião católica, e sendo já rapaz feito, com grande temor da condenação eterna, desejava observar pontualmente todos os preceitos religiosos. Aplicava-me á leitura do Evangelho e de outras obras espirituais, percorria as Sumas dos confessores, e quanto mais me entregava a estes estudos, maiores dificuldades se me alevantavam. Acabei por cair em inextricáveis enleios, em ansiedades e aperturas de coração. Ia-me finando de melancolia e mágoa. Antolhou-se-me impossível confessar os pecados segundo os termos da Igreja romana, de modo que pudesse obter dignamente a absolvição e cumprir tudo quanto era requerido. A consequência foi desesperar da salvação, se a salvação tinha de ser obtida mediante a observância de tais normas. Ora sendo difícil poder apartar-me de uma religião a que desde o berço fora acostumado e que pela fé, já tinha deitado em mim fundas raízes, comecei a pensar — foi isto à volta dos vinte e dois anos que poderia talvez ser menos verdade o que se dizia de uma outra vida, e a ter incertezas sobre se a fé prestada a tais dogmas se casava bem com, a razão, por isso que a mesma razão me ditava e de continuo me metia pelos ouvidos dentro muitas cousas que fortemente contrariavam aqueles dogmas. Entrado nesta dúvida assosseguei, e fosse o que fosse, assentava comigo que por tal rota não podia alcançar a salvação da alma. Por esse tempo cursava eu as aulas de Direito, segundo já disse, e andando nos vinte e cinco anos, como se me deparasse ensejo, obtive um beneficio eclesiástico, a tesouraria de uma Colegiada.

Não tendo, porém, encontrado repouso na religião católica romana, e desejando estar abraçado a alguma religião, cri que sabia que entre cristãos e judeus havia rijo combate, pus-me a percorrer os livros de Moisés e dos profetas, onde se me apresentavam alguma cousa que estavam em não pequena contradição com o Novo Testamento e encerravam menor dificuldade. Demais no Antigo Testamento criam tanto os judeus como os cristãos, no Novo Testamento só os cristãos. Acabei por entender, acreditando em Moisés, que devia obedecer á Lei, visto que ele afirmava ter recebido tudo de Deus, declarando-se puro mensageiro chamado pelo próprio Deus para esta missão, ou melhor, obrigado (destarte se enganam os pequeninos). Isto assentado, como quer que naquele reino não houvesse liberdade de professar de algum modo a religião de Moisés, pensei em mudar de residência, deixando a terra pátria. A este fim não duvidei resignar em favor de outrem o benefício eclesiástico, não cuidando dos proventos nem da honra que dali me vinham conformemente aos usos daquele país. Deixei também uma formosa casa de habitação, situada em uma parte magnífica da cidade e construída por meu pai. Embarcámos, pois, não sem grave risco, — os que descendem de hebreus não podem deixar o reino sem permissão especial d’el-rei — eu. minha mãe e meus irmãos, aos quais. movido pelo amor fraterno, eu comunicara o que sobre a religião me havia parecido mais consentâneo, embora tivesse dúvidas acerca de alguns pontos e esta comunicação poderia redundar em grande mal para mim: tão perigoso é naquele país falar em semelhantes assuntos! Ter minada a viagem, aportámos a Amsterdam, onde encontrámos os judeus vivendo em liberdade. Em obediência á Lei, cumprimos para logo o preceito da circuncisão.

Ao cabo de alguns dias tinha-me a experiência mostrado que os costumes e ordenações dos judeus estavam longe de casar-se com os preceitos de Moisés. Ora se cumpria observar a Lei com pureza, segundo ela própria requer, mal andaram os chamados Doutores dos judeus com tantas invenções, que de todo o ponto destoam da Lei. Assim que não pude acabar comigo que me contivesse, antes entendi que faria cousa do agrado de Deus, se defendesse a Lei com isenção. Estes Doutores judaicos do tempo presente – que ainda conservam os seus costumes e condição maldosa, porfiando galhardamente em defesa da seita e das instituições dos abomináveis fariseus, não sem esperança de benesses pessoais e, segundo já outrora lhes foi imputado fundamentadamente, para ocuparem as primeiras cadeiras no templo e terem  as primeiras saudações na praça pública – de modo nenhum vieram em que, sequer nas cousas mais pequenas, eu me apartasse deles, pretendendo que sem desvio algum lhes fosse na esteira; de contrário, ameaçaram-me com a excomunhão e privação de toda a comunicação com os fieis nas cousas divinas e humanas. Como, porém, ficasse muito mal virar as costas diante de tal medo quem por amor da liberdade deixara a pátria e desprezara outros proveitos, e o submeter-me a homens em tal caso, mormente quando eles não tinham poder legítimo, fosse acto de pouca religião e impróprio do homem digno deste nome, decidi antes padecer tudo e permanecer firme no meu propósito. Consequentemente fui por eles excomungado e excluído da comunicação com todos os fieis, e os meus próprios irmãos, de quem anteriormente eu fora mestre, com medo deles passavam por mim na rua sem me saudar.

Nestas circunstâncias resolvi escrever uma obra em que mostrasse a justiça da minha causa e provasse claramente à luz da própria Lei o infundado dos ensinamentos e práticas dos fariseus e o contraste em que as suas tradições e instituições estavam com a lei de Moisés. Principiada a obra, vim também – cumpre referir tudo como se passou, sem refolho e com verdade – a abraçar, resoluta e deliberadamente, o parecer daqueles que assentam serem temporais o prémio e a pena da Lei velha, e não crêem em uma outra vida e na imortalidade da alma, estribando-me, para não falar doutras razões, em que a Lei de Moisés guarda absoluto silêncio sobre estes pontos, e aos que observam ou quebrantam os seus preceitos, só promete prémio temporal ou pena temporal. Grande foi o regozijo dos meus inimigos ao saber que eu adoptara este parecer, julgando terem alcançado só por este facto larguíssima defesa perante os cristãos, que em virtude de fé especial fundada na Lei evangélica, onde se faz menção expressa da felicidade eterna e das penas eternas, crêem e reconhecem a imortalidade da alma. Com este intuito e para me taparem a boca nos demais pontos e me tornarem odioso entre os próprios cristãos, antes de entrar no prelo o meu escrito, tiraram a lume um opúsculo, da mão de certo médico, com o título *De immortalitate animarum*. Na sua obra o médico fartava-se de atassalhar-me, como que eu defendesse a seita de Epicuro pois quem negava a imortalidade da alma, pouco faltava para negar a existência de Deus. — Neste tempo eu tinha má opinião daquele filósofo, e fundando-me na informação parcial de outrem, dava sentença temerária contra uma parte ausente sem a ouvir; mas desde que soube o conceito que dele faziam algumas pessoas amantes da verdade, e tive conhecimento da sua doutrina real, sinto haver em tempo chamado louco e insano um tal sujeito, de que ainda não posso formar juízo cabal por me serem desconhecidos os seus escritos.  — Os filhos dos ditos meus inimigos, industriados pelos rabinos e pelos pais, juntavam-se em magotes pelas ruas e a brados praguejavam-me e irri­tavam-me com toda a casta de impropérios, apelidando-me, voz em grita, de herege e de apóstata. As vezes até se ajuntavam diante da minha porta, apedrejavam-na, e tudo tentavam para me perturbarem, de jeito que nem na minha própria casa pudesse lograr sossego. Publicado que foi aquele livro contra mim, para logo apercebi-me para a defesa e escrevi um opúsculo em resposta a ele, impugnando com todas as forças a imortalidade da alma e tocando de caminho alguns pontos em que os fariseus se apartam de Moisés. Tanto que esta minha obra saiu a público, ajuntaram-se os senadores e o grão-rabino dos judeus e propuseram uma acusação contra mim perante a autoridade civil, alegando que eu havia escrito um livro em que negava a imortalidade da alma e não só os ofendia a eles mas até abalava o edifício da religião cristã. Por efeito desta denúncia fui metido na cadeia, e depois de lá estar oito para dez dias soltaram-me debaixo de fiança. Aquela autoridade exigia de mim o pagamento de uma multa, e em cabo fui condenado a pagar-lhe trezentos florins e ao perdimento dos exemplares da obra.

Depois, com o rodar do tempo, como quer que a experiência e os anos descubram muita coisa e consequentemente dêem volta ao pensamento do homem (seja-me permitido, mais uma vez o digo, falar com franqueza; e efectivamente, porque não há-de ser lícito a quem, por assim dizer, escreve o seu testamento para deixar aos homens as contas da sua vida e um exemplo verdadeiro das desventuras humanas, porque não há-de ser licito, digo, contar a verdade?), entrei a ter dúvidas sobre se a lei de Moisés deveria ser tida por lei de Deus, por isso que muitas cousas havia que aconselhavam, ou melhor, forçavam a dizer o contrário. Assentei por fim que a Lei de Moisés não era de Deus, mas somente invenção humana, como outras sem conto que tem havido no mundo. É que muitos pontos brigavam com a lei da Natureza, e Deus, autor da Natureza, não podia estar em contradição consigo mesmo, e esta loia se propusesse aos homens praticarem actos contrários à Natureza, de que se dizia autor. Definido este ponto no meu espirito, disse eu comigo: Que aproveita (oxalá nunca tal ideia houvesse surgido na minha mente) permanecer eu neste estado até à morte, separado da comunicação com estes Padres e com este povo, mormente sendo eu estrangeiro nestas paragens e não tendo trato com os cidadãos, cuja língua até desconheço? Melhor será voltar a comunicação com eles e seguir-lhes as pisadas como eles querem, fazendo, segundo diz o rifão, de macaco entre os macacos. Movido desta consideração, tornei a comunicar com eles, retratando as minhas expressões e subscrevendo as opiniões deles, havendo já quinze anos que deles vivia separado. Desta reconciliação foi, por assim dizer, medianeiro um meu primo da parte de meu pai.

Decorridos dias, fui denunciado por um rapazito, filho de minha irmã, que eu tinha em casa, com respeito às comidas, ao modo de prepará-las, e a outras cousas, donde se inferia que eu não era judeu. Desta denúncia nasceram novas e violentas guerras. Aquele meu primo, que, segundo já disse, fora o medianeiro da reconciliação, entendendo que o meu procedimento redundava em vergonha sua, soberbão e arrogante que era, sobremaneira imprudente e também sobremaneira impudente, abriu contra mim guerra declarada, e levando após si todos os meus irmãos, não deixou por tentar meio algum que pudesse por alguma forma contribuir para a ruína total da minha honra, dos meus haveres e consequentemente da minha vida. Foi ele quem desbaratou o casamento que eu estava já para contrair (a este tempo era eu viúvo); fez com que um meu irmão retivesse os meus bens que tinha em seu poder, e destruiu as relações que entre nós havia, circunstância que me causou um prejuízo indizível em consequência do estado em que as minhas cousas se achavam. Baste agora dizer que foi ele o mais encarniçado inimigo da minha honra, da minha vida e dos meus bens. Sobre esta guerra, por assim dizer, doméstica, havia outra pública, a dos rabinos e do povo, que principiaram a ter-me novo ódio e cometeram contra mim muitos desaforos; assim que merecidamente eu os aborrecia. Entretanto sobreveio novo acontecimento. Acaso conversei com dois sujeitos, vindos de Londres para esta cidade, um italiano, o outro espanhol, ambos cristãos velhos; declarando-me serem pobres, pediram-me o meu conselho sobre se haviam de aliar-se aos judeus e converter-se ao judaísmo. Aconselhei-os a que tal não fizessem e se conservassem como estavam, pois não sabiam o jugo que iam por sobre o pescoço. Em todo o caso advertia-lhes que não falassem em mim aos judeus; assim prometeram fazer. Estes homens ruins, com os olhos no vergonhosíssimo proveito que esperavam colher, agradeceram-me descobrindo tudo aos meus caríssimos amigos, os fariseus. Nisto congregaram-se os príncipes de Sinagoga, inflamaram-se os rabinos, e a gentalha petulante bradou rijo: Crucifica-o, crucifica-o. Fui chamado perante o Grande Conselho; propuseram as queixas que tinham contra mim em voz baixa e triste, como se se tratara de um caso de morte, e por fim declararam que, se eu era judeu, devia acatar e cumprir a sentença que proferissem. aliás tornaria a ser excomungado. Ah preclaros juízes! Sois juízes para me fazerdes mal; mas se eu carecer do vosso tribunal para me livrardes da violência de outrem e me assegurardes a minha inviolabilidade, então não sois juízes, senão vilíssimos escravos cativados a poder alheio. Qual é a vossa sentença a que quereis que eu me submeta? Então foi-me lido um papel em que se dizia que eu tinha de entrar na Sinagoga vestido de luto, com uma vela negra na mão e vomitar publicamente, na presença da assembleia, certas e determinadas palavras, escritas por eles, bem feias, em que levavam às nuvens as iniquidades por mim cometidas. Depois havia de consentir em ser publicamente açoutado na Sinagoga com um azorrague de couro, em seguida prostrar-me à entrada da própria Sinagoga para todos passarem por cima de mim, e demais jejuar em dias determinados. Acabada que foi a leitura, incendiaram-se-me as entranhas e ardia por dentro em fogo de cólera inextinguível; contudo, sofreando-me, respondi chãmente que não podia cumprir semelhantes imposições. Ouvida a minha resposta, determinaram excomungar-me segunda vez, e não contentes com isto, quando eu passava na rua, muitos deles cuspiam fora e o mesmo faziam os filhos industriados por eles; só não me apedrejavam, porque não podiam. Outros sete anos durou esta guerra, e no correr deste tempo padeci cousas que não se acreditam. Guerreavam-me duas hostes, uma a do povo, outra a dos parentes, que buscavam a minha ignomínia para de mim tirarem vingança. E os parentes não tiveram descanso enquanto não me desalojaram da posição anterior. Disseram entre si: Ele nada fará, se não for obrigado, e cumpre que seja obrigado. Se estava enfermo, via-me sozinho. Se alguma outra calamidade pesava sobre mim, contavam-na entre os seus maiores desejos. Se dizia que se tirasse dentre eles um juiz que decidisse a questão entre nós, nada queriam menos. Tratar de tal pendência em juízo, passo que também tentei, dava muito incómodo e enfado, sendo que consumia estiradíssimo tempo o recorrer aos tribunais, onde, afora muitos outros encargos, há constantemente tantas delongas e adiamentos. Disseram-me muitas vezes: Submete-te a nós, pois somos todos iguais e não imagines nem temas que procedamos mal contigo. Diz enfim uma vez, que estás pronto a cumprir o que te impusermos, e deixa-nos a nós o final, que nós faremos tudo como é bem que se faça. Eu, embora a questão versasse justamente sobre este ponto e semelhante submissão e aceitação de imposições arrancada à força fosse para mim grandíssima vergonha, contudo para levar as cousas até o cabo e com os meus olhos verificar-lhes o desfecho, venci-me a mim próprio determinando-me animosamente a aceitar e experimentar quanto eles quisessem. De feito, no caso de as imposições serem feias e desonrosas, ainda mais justificavam a minha causa contra eles e manifestavam as disposições dos ânimos deles para comigo e a sua lealdade, e patenteava-se de vez o hediondo e execrando dos costumes desta gente que tão indecorosamente abusa das pessoas mais honestas como se fossem os mais vis escravos. Pois cumprirei, disse eu, tudo quanto me impuserdes. Agora dai-me atenção, quantos sois honrados, cordatos e humanos, e meditai profundamente, uma e muitas vezes, a sentença que executaram em mim, de todo inocente, eles, pessoas privadas, sujeitas ao poder de outrem.

Entrei na Sinagoga, que estava cheia de homens e de mulheres, e quando foi tempo, subi ao taburno de madeira que está no meio da Sinagoga para o serviço dos sermões e demais actos do culto; li em voz alta o escrito, redigido por eles, em que eu confessava que merecia morrer mil vezes pelos pecados por mim cometidos, convém a saber: não ter guardado o sábado, ter violado a fé a ponto de chegar a aconselhar os mais a que não viessem para o judaísmo; e que em satisfação de tais culpas eu queria obedecer ao que me ordenassem e cumprir as penas que me impusessem, prometendo não tornar a cair de futuro em semelhantes iniquidades e malfeitorias. Acabada a leitura, desci do taburno e acercou-se de mim o venerando presidente, dizendo-me ao ouvido que fosse para um outro canto da Sinagoga. Assim fiz; então o porteiro ordenou-me que me despisse. Despi-me até à cintura, atei um lenço à cabeça, descalcei os sapatos e ergui os braços, pondo as mãos em uma espécie de coluna. Chegou-se a mim o porteiro e atou-me as mãos à coluna com uma faxa. Depois vem o precentor e, pegando de um couro, deu-me trinta e nove tagantes conformemente à prática tradicional — a Lei prescreve que não sejam mais de quarenta, e sendo estes varões tão escrupulosos observadores das leis, guardam-se de cair em pecar por excesso Durante a flagelação cantava-se um salmo. No fim assentei-me no chão, e o grão-rabino — que ridículas que são as cousas do género humano! —chegando-se à minha beira, levantou-me a excomunhão; destarte já me estava aberta a porta do Céu, que antes disto, de valentemente trancada, me impedia de entrar. Depois tornei a vestir-me e fui para a entrada da Sinagoga. Prostrei-me no chão, amparando-me o guarda a cabeça. Então todos quantos desciam, passavam por cima de mim, quero dizer, levantando um pé, passavam para além junto da parte inferior das minhas pernas. Isto praticavam todos, moços e velhos — não há bugios que possam apresentar a olhos humanos nem actos mais desentoados, nem gestos mais ridículos. No fim, quando já não restava mais ninguém, ergui-me, e tendo-me limpado do pó, com ajuda daquele que estava ao meu lado — ninguém diga que eles não me honraram, pois, se me atagantavam, em todo o caso, choravam e afagavam-me a cabeça — voltei para casa. Ah gente, a mais desfaçada do mundo! Ah padres execrandos, de quem, dizeis, eu não devia temer que me fosse dado mau trato! «Espancarmos-te? Longe tal pensamento!» Avalie agora quem isto ouvir, que cena era aquela; um velho, nada baixo de condição, por natureza sobremodo envergonhado, em uma assembleia pública, despido na presença de toda a gente, homens, mulheres, crianças, e açoutado de ordem de juízes, e de juízes destes, que são mais escravos abjectos do que juízes; considere que dor não seria cair aos pés de inimigos encarniçadíssimos. de quem lhe tinham vindo tantos males, tantos agravos, e prostrar-se para ser pisado; pense-o que ainda mais é, e pode com razão chamar-se caso fora do natural, monstruosidade horrenda, de cuja vista hedionda a gente foge arrepiada — que meus irmãos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe, criados juntos na mesma casa, trabalharam afincadamente para isto, esquecendo o afecto que eu lhes tinha — que tal sentimento era feição distintiva da minha índole e esquecendo os muitos favores que por minha intervenção haviam recebido na sua vida e que me foram pagos com ignomínias, perdas, calamidades, fealdades e abominações, tantas, que uma pessoa se corre de referi-las.

Dizem os meus nunca assaz detestados inimigos, que me castigaram justamente para exemplo dos mais, para que daqui em diante ninguém ouse ir contra as suas determinações nem escrever contra os sábios. Ah gente a mais perversa do mundo e pais de toda a mentira! Quanto mais justamente não pudera eu castigá-los a eles, para que depois vós não tivésseis tais atrevimentos contra pessoas amantes da verdade, aborrecedoras de enganos, amigas, sem distinção, de todo o género humano, de quem vós sois inimigos comuns, sendo que não tendes em estimação nenhuma os mais povos, havendo-os na conta de irracionais, e vós subis protervamente a vós sós até às nuvens, afagando-vos com mentiras, quando vós nada tendes de que com verdade vos ufaneis, a não ser que por ventura para vós seja gloria o andardes desterrados, serdes desprezados e odiados de toda a gente por causa do ridículo e exquisito dos vossos costumes, pelos quais pretendeis separar-vos do resto da humanidade. Que se quiserdes fazer glória da simplicidade da vida e da justiça, ai de vós, que palpavelmente vos mostrareis inferiores a muitos a tais respeitos. Digo, pois, que se tivera forças, eu teria podido tirar deles justa vingança dos males grandíssimos e atrocíssimos agravos de que me abeberaram e que me levaram a ganhar aborrecimento à própria existência. Sim! Que pessoa amante do honesto terá ânimo e gosto para viver uma vida coberta de ignomínia? E segundo já foi dito com acerto a urna pessoa dotada de fidalguia de sentimentos, cumpre ou viver arrazoadamente ou morrer com honra. Tanto porém a minha causa é mais justa do que a deles, quanto a verdade se avantaja à mentira. Eles pugnam pela mentira para cativarem os homens e escravizá-los; eu pugno pela verdade e pela liberdade natural do homem, a quem o que melhor fica é, livre de falsas superstições e ritos inaníssimos, passar uma vida que não seja indigna do homem. Confesso que teria sido para mim mais proveitoso, se de principio me houvera calado, e reconhecendo como anda o mundo, preferisse permanecer mudo, que assim convêm que faça quem tem de viver no meio dos homens, para não ser vítima, segundo costuma acontecer, da multidão ignorante ou de tiranos injustos, de feito cada qual com a mira nos seus interesses busca abafar a verdade, e armando laços aos pequenos, calca aos pés a justiça todavia, depois de, incautamente iludido por uma religião vã. ter descido com eles a campo, é melhor morrer gloriosamente, ou ao menos morrer sem desgosto, que, nas pessoas de bem, é o companheiro de uma retirada vergonhosa ou de uma resignação inepta. Costumam eles alegar em seu favor a vontade da grande maioria. «Tu, que és um só, deves de submeter-te a nós, que somos muitos». Amigos, é útil sem dúvida que o indivíduo se submeta à maioria, para não ser dilaniado por ela; mas nem tudo o que é útil se segue que seja belo. Belo certamente não é o retirar-se com ignominia e deixar o campo aos violentos e injustos. Deveis logo confessar que é virtude merecedora de louvor ter rosto quanto possível aos soberbos, para que não aconteça que, procedendo mal e colhendo proveito da sua maldade, se tornem cada vez mais soberbos. E formoso, na verdade, e digno de um homem piedoso e generoso fazer-se pequenino com os pequeninos, ovelha com as ovelhas; mas é sandice, é ignominioso e repreensível vestir, em combate com leões, a mansidão da ovelha. Ora se se põe entre as cousas mais formosas pelejar até morrer em defesa da pátria, por isso que a pátria é alguma cousa que nos pertence, porque razão não há-de ser belo pelejar até morrer em defesa da honra própria, que é pessoalmente nossa e sem a qual não podemos viver arrazoadamente? a não ser que, à semelhança de cerdos imundos, nos revolvamos no imundo tremedal do lucro. Mas dizem os meus detestáveis motejadores, estribando no número todo o seu direito, «O que poderias tu, que és um só, contra tantos ?» Confesso e deploro ter sido esmagado pelo número que vós sois, contudo esses vossos pensamentos e palavras ainda mais me fazem referver a cólera no meu interior e bradar que é impiedade ter piedade de ímpios, soberbos, contumazes e obstinados.

Sei bem que aqueles inimigos, para me desacreditarem perante a multidão indouta, costumavam dizer: «Ele não tem religião nenhuma; não é judeu, não é cristão, não é maometano». Olha primeiro, fariseu, o que dizes; que tu és cego, e conquanto te sobre maldade. dás entretanto topadas como um cego. Anda, diz-me, se eu fosse cristão, o que dirias? É claro que havias de dizer que eu era um abominável idólatra, e que juntamente com Jesus Nazareno, Mestre dos cristãos, havia de ser punido pelo Deus verdadeiro, de cujas bandeiras havia desertado. Se fosse maometano, também todos sabem de que honras me cumularias; e assim nunca poderia escapar à tua língua, tendo por único refúgio prostrar-me aos teus joelhos e beijar os teus execrandos pés, quero dizer, as tuas detestáveis e vergonhosas instituições. Agora suplico-te que me digas se conheces mais alguma religião além das que mencionaste, às duas últimas das quais tu, havendo-as por falsas, chamas antes cismas do que religiões. Já te ouço confessar que conheces mais uma, e é a verdadeira religião, por meio da qual os homens podem agradar a Deus. Com efeito, se todos os povos, exceptuando os judeus **—**que haveis sempre de separar-vos dos mais e não vos associar a gente baixa e humilde —, observarem os sete mandamentos, que, segundo vós dizeis, foram observados por Noé e pelos que foram antes de Abraão, basta-lhes isto para se salvarem. Já há, conseguintemente, segundo as vossas próprias ideias, uma religião em que eu posso fundar-me, embora descenda de judeus, pois com súplicas alcançarei de vós o consentirdes que eu me misture com a demais multidão, e se não o alcançar, tomarei a licença por mim próprio. Ah cego fariseu, que, olvidando aquela lei, que é a primitiva, e existiu desde sempre e sempre há-de existir, só fazes menção das outras leis que só posteriormente começaram a existir, e que tu próprio condenas, exceptuando a tua, a respeito da qual, queiras ou não queiras, também os mais julgam conformemente à recta razão, que é a verdadeira norma daquela lei natural, que tu esqueceste e que bem desejas sepultar, para pores sobre o colo dos homens o teu execrando jugo, desalojá-los da sã razão e torná-los parecidos a loucos.

Mas já que viemos a este ponto, apraz-me demorar-me aqui um pouco e não calar de todo os louvores desta lei primitiva. Digo pois, que esta lei é comum a todos os homens e neles inata pelo próprio facto de serem homens. Liga a todos uns aos outros pelos laços de mutuo amor, desconhecendo divisões, que são a origem primordial de todos os ódios e dos maiores males. É a mestra da moral. estabelece a distinção do justo e do injusto, do feio e do belo. Tudo quanto há excelente na lei de Moisés ou em qualquer outra, a lei natural encerra-o em si integralmente na perfeição; e se há algum desvio, por pequeno que seja, desta regra natural, para logo surgem as contendas. para logo há a divisão dos espíritos, e não pode encontrar-se sossego. Se porém o desvio é grande, quem bastará a fazer revista dos males e das horrendas monstruosidades que deste adultério nascem e tomam crescimento? Que preceitos soberanos tem a lei de Moisés, ou qualquer outra, que digam respeito á sociedade humana, para que os homens vivam bem e em concórdia uns com os outros? Sem dúvida o primeiro é honrar os pais; o segundo não violar os bens alheios ou seja a vida ou a honra ou as outras cousas úteis para a vida. Qual destes preceitos, dizei-me, não se contém na lei natural e regra certa que está gravada nos corações? Por impulso natural amamos os filhos, os filhos amam os pais, o irmão ama o irmão, o amigo o seu amigo. Por impulso natural desejamos a conservação intacta do que é nosso e aborrecemos os que nos perturbam a paz, os que por violência ou por fraude nos querem tirar o que é nosso. Deste nosso desejo sai uma conclusão evidente, e é que nós não devemos praticar o que nos outros condenamos. Efectivamente, se condenamos os outros que invadem o que e nosso, desde logo a nós mesmos nos condenamos se invadirmos o alheio. E aqui temos já facilmente tudo que é capital em qualquer lei. O que respeita á alimentação, deixemo-lo aos médicos; eles nos farão saber assaz apropriadamente qual é a comida que faz bem á saúde, qual, pelo contrário, é a que a prejudica. No que toca ás mais cerimónias, ritos, regulamentos, sacrifícios, dízimos (fraude insigne para uma pessoa se gozar do trabalho alheio sem fazer nada), ai, ai!... choramos por serem tantos os labirintos em que nos meteu a malícia dos homens. Reconhecendo este ponto, são muito para louvar os verdadeiros cristãos, que mandaram embora todas as cousas deste género, conservando só o que interessa á moralidade. Não vivemos como é de dever, quando observamos muitas futilidades; vivemos, porém, como é de dever quando vivemos conformemente à razão. Alguém dirá que a lei de Moisés ou a lei do Evangelho contem alguma cousa mais alevantada e perfeita, e vem a ser o amarmos os nossos inimigos, preceito que não se contem na lei natural. Respondo-lhe como acima disse. Se nos apartamos da Natureza e pretendemos descobrir alguma cousa mais levantada, para logo surge a luta, perturba-se o sossego. De que serve ordenarem-se-me impossíveis que eu não tenho forças para cumprir? Nenhum bem daí resultará, senão a tristeza do espírito se assentarmos ser impossível, pela ordem da Natureza, amar o nosso inimigo. Ora se não é de todo impossível, segundo a ordem natural, fazer bem aos inimigos (o que pode fazer-se sem haver amor), por isso que, geralmente falando, somos por natureza propensos á piedade e compaixão, não devemos já negar em absoluto que uma tal perfeição se compreende na lei natural.

Vejamos agora outro ponto, e é, que males brotam quando a gente se aparta muito da lei natural. Dissemos que há um laço natural de amor entre os pais e os filhos, entre os irmãos e entre os amigos. Este laço desata-o e desfá-lo a lei positiva, seja ela a de Moisés ou a de qualquer outro, quando ordena que o pai, o irmão, o cônjuge, o amigo, mate ou traia por amor da religião o filho, o irmão, o cônjuge, o amigo; e uma lei assim quer uma cousa superior ao que pode ser efectuado por criaturas humanas, e que, se se efectuasse, seria o maior atentado contra a Natureza, sendo que a Natureza tem horror a semelhantes actos. Mas para que é lembrar estas cousas, quando os homens levaram a insânia ao ponto de oferecerem os próprios filhos em holocausto aos ídolos a que rendiam vaníssimo culto, apartando-se tanto daquela lei natural e manchando tão feiamente os sentimentos maternos, filhos da Natureza! Quanto mais agradável não fora, se os homens se tivessem conservado dentro das raias marcadas pela Natureza e não houves­sem feito invenções tão hediondas! Que direi dos enormes terrores e ansiedades em que a maldade de uns homens tem lançado os outros homens? E de tais males bem podia estar livre todo o indivíduo; bastaria que escutasse a voz da Natureza, a qual desconhece absolutamente semelhantes cousas. Quantos não são os que desesperam de salvar-se, os que, imbuídos cm varias crenças, padecem martírios, passam espontaneamente uma vida toda de amarguras, mortificando lastimosamente o corpo, buscando solidões e lugares apartados da conversação humana, vexados perpetuamente de tormentos interiores, pois que já pranteiam como actuais os males de que se arreceiam no futuro! Estas e outras calamidades sem conto foi uma falsa religião, maldosamente inventada pelos homens, a que as acarretou à humanidade. Não sou eu próprio um, entre muitos, que fui grandemente enganado por tais impostores e, acreditando neles, me deitei a perder? Falo por experiência. Mas objectam: Se não houver outra lei mais que a natural, se os homens não souberem pela fé que há outra vida, e não temerem as penas eternas, que motivo há para que não se tornem perpetuamente culpados de malfeitorias? Vós, excogitando tais invenções (quiçá por qualquer outro motivo oculto; que é de temer que por interesses vossos quisésseis pôr uma carga sobre os mais), assemelhais-vos aos que, para amedrontarem as crianças, fingem papões ou fantasiam nomes aterradores, até que as pobres crianças, batidas do medo, se submetam á vontade deles, escravizando, enfadadas e tristes, a vontade própria. Mas estes meios são profícuos enquanto a criança é criança: tão depressa como abre os olhos da inteligência, ri-se do engano e já não tem medo do papão. Neste caso estão as vossas invenções ridículas, que só a crianças ou a bolonios podem meter medo; mas as outras pessoas que vos conhecem as manhas, riem-se de vós. Ponho agora de parte o tratar do justificado de semelhante fraude, quando vós mesmos, os autores de tais invenções, tendes uma regra de direito que diz que não se hão-de fazer males para virem bens, a não ser que não ponhais na conta de males o mentir com grave prejuízo dos outros, dando aos fracos ocasião de perderem o juízo. Ora se em vós houvesse uma sombra sequer de religião ou de temor, infalivelmente não deveríeis ter tido pouco medo, quando introduzistes no mundo tantos males, quando levantastes tantas discórdias entre os homens, quando criastes tantas instituições iníquas e ímpias, a ponto de não duvidardes açular impiamente os pais contra os filhos, e os filhos contra os pais.

Uma pergunta desejaria eu fazer-vos, e é, se quando, em razão da malícia dos homens, fazeis essas invenções a fim de conterdes dentro dos termos do dever, com terrores imaginários, os homens, que doutro modo não observariam o bem, vos acode ao pensamento que vós sois semelhantemente pessoas cheias de malícia, que não sois capazes de fazer nada bom; nem pôr em obra senão perpetuamente o mal, prejudicar os mais, não usar de misericórdia para com ninguém. Já vejo que vós vos encolerizais contra mim, que ousei fazer-vos uma pergunta assim, e que cada um de vós batalha denodadamente em defesa da justiça dos seus actos. Nenhum há que não diga que é piedoso, misericordioso, amante da verdade e da justiça. Consequentemente, ou não falais verdade dizendo de vós o que dizeis, ou acusais falsamente a malícia humana, á qual quereis dar remédio com os vossos papões e terrores fantásticos; injuriosos para com Deus, que apresentais aos olhos dos homens como cruelíssimo algoz e horroroso torturador, injuriosos para com os homens, que pretendeis terem nascido para tão deplorável miséria, como se não bastassem os desares que sucedem na vida a cada um de nós. Mas conceda-se que é grande a malícia humana — o que eu próprio confesso, e de que vós mesmos me servis de testemunhas, sendo maliciosos em extremo, aliás não poderíeis idear tais invenções **—;**procurai então remédios de grande eficácia, que sem maior dano façam desaparecer esta doença de todos os homens em geral, e deixai-vos de papões, que só têm efeito em crianças e tolos. Se, porém, esta enfermidade é incurável no género humano, deixai-vos de mentiras e não prometais, á guisa de médicos charlatães, a saúde que não podeis dar. Contentai-vos com estabelecer entre vós leis justas e racionais, premiar os bons, punir devidamente os maus, livrar de violências os que padecem violências, para que não bradem que neste mundo não se faz justiça e que não há quem salve o fraco das garras do forte. Sem dúvida, se os homens quisessem nortear-se pela recta razão e viver em conformidade com a Natureza, amar-se-iam todos uns aos outros; cada qual, na proporção de suas forças, acudiria á desventura do próximo, ou pelo menos ninguém ofenderia outrem só pelo gosto de ofender. Proceder de modo contrário é proceder contrariamente á natureza humana; e se muitos destes actos se praticam, e porque os homens têm inventado diversas leis opostas á Natureza, e uma pessoa irrita a outra com as suas malfeitorias. Muitos há que andam hipocritamente, fingindo-se por extremo religiosos, e iludem os incautos cobrindo-se com a capa da religião para apanharem os que podem. Semelhante gente pode bem comparar-se ao ratoneiro nocturno, que insidiosamente acomete quem está adormecido e não espera por tal. Andam sempre a dizer: sou judeu, sou cristão; crê em mim, não te enganarei. Ah alimárias ruins! aquele que não diz nada disto e só faz profissão de ser homem, é muito melhor do que vós. Sim! Se não quereis acreditar nele, como homem que é, podeis precatar-vos; de vós, porém, quem se há-de precatar? de vós que, embuçados na capa falsa de falsa santidade, á maneira do ladrão nocturno coando-vos pelas abertas, dais sobre os que mal precatados dormem, e os estrangulais miseravelmente!

Uma cousa entre muitas me maravilha, e é certamente para maravilhar; vem a ser, como é que os fariseus, vivendo no meio de cristãos, podem gozar de tanta liberdade que até julgam em tribunal; e na verdade posso dizer que, se Jesus Nazareno, a quem os cristãos rendem tanto culto, discursasse hoje em Amsterdão, e aos fariseus aprouvesse açoutá-lo novamente por ele impugnar as tradições dos fariseus e lhes lançar em rosto a hipocrisia, poderiam fazê-lo muito á sua vontade. Tal cousa é seguramente uma vergonha que não devia tolerar-se em uma cidade livre, que faz profissão de manter as pessoas em liberdade e paz, e todavia não as defende dos agravos dos fariseus: ora quando um indivíduo não tem quem o defenda ou vingue, não é de estranhar que procure por si mesmo defender-se e vingar os agravos recebidos.

Aqui tendes a história verídica da minha vida; pus-vos diante dos olhos o papel que representei neste vaníssimo teatro do mundo na minha vida tão vã e instável. Agora, filhos dos homens, julgai com justiça e, despidos de todo o afecto, com isenção, proferi a vossa sentença conformemente á verdade, que isto é, sobre tudo, digno de homens que são verdadeiros homens. E se alguma cousa encontrardes que vos force á compaixão, reconhecei e deplorai a desventurada condição humana, de que também vós participais. E para que nem esta circunstância fuja ao vosso conhecimento, ficai sabendo que o nome que eu tinha quando cristão em Portugal, era Gabriel da Costa; entre os judeus para o meio dos quais oxalá eu nunca tivera vindo, fui, com leve alteração, chamado Uriel.

(Tradução de A. Epiphanio da Silva Dias em Uriel da Costa, Espelho da vida humana, Lisboa, Impr. Lucas, 1901, 36 págs. )

EXEMPLAR HUMANÆ VITAE

Natus sum ego in Portugallia, in civitate ejusdem nominis, vulgo Porto. Parentes habui ex ordine nobilium, qui a Judæis originem trahebant, ad Christianam relligionem, in illo regno, quondam per vim coactis. Pater meus vere erat Christianus, vir honoris observantissimus, et qui honestatem plurimi faciebat. In domo ejus fui ego honeste educatus. Servi non deerant, nec in equili equus nobilis Hispanus ad equestrum exercitationem, cujus pater meus erat peritissimus; et ego ejus vestigia a longe imitabar. Aliquibus artibus tandem instructus, quibus solent honesti pueri, jurisprudentiæ operam dedi. Quod ad ingenium et naturales affectus attinet, eram ego naturaliter valde pius et ad misericordiam ita propensus, ut, si quando alienæ calamitatis narrabatur eventus, nullo modo possem lachrymas continere. Pudor mihi adeo erat innatus, ut nihil magis timerem, quam ignominiam. Animus nullo modo ignobilis, nec ab ira destitutus, si occasio justa postulabat. Itaque superbis et insolentibus, qui per contemptum, et vim solent aliis injuriam inferre, vere eram contrarius, infirmorum partes adjuvare cupiens, et illis potius me socium adjungens. Circa religionem passus sum in vita incredibilia. lnstitutus fui, quemadmodum mos est illius regni in religione Christiana Pontificia; et cum jam essem adolescens ac valde timerem damnationem æternam, cupiebam exacte omnia observare. Vacabam lectioni Evangelii, et aliorum librorum spiritualium summas confessariorum percurrebam, et quo magis istis incumbebam, eo major difficultas mihi oriebatur. Tandem incidi in inextricabiles perplexitates, anxietates et angustias. Mœrore et dolore consumebar. lmpossibile mihi visum est peccata confiteri more Romano, ut dignam possem absolutionem impetrare, et omnia implere, quæ postulabantur; et per consequens de salute desperavi, si illa talibus canonibus paranda erat. Quia vero difficile religio poterat deseri, cui a primis incunabilis assuetus fueram, et quæ per fidem altas jam radices egerat, in dubium vocavi (accidit hoc mihi circa vigesimum secundum ætatis annum), possetne fieri, ut ea, quæ de altera vita dicebantur, minus vera essent, et utrum fides talibus data bene cum ratione conveniret; siquidem ipsa ratio multa dictabat, et perpetuo insinuabat in aurem, quæ valde erant contraria. Hoc in dubium vocato animo, quievi, et quicquid esset, tandem statuebam me non posse tale via incedendo salutem animæ assequi. Per hoc tempus Juris, ut dixi, studio vacabam, et cum annum agerem vigesimum quintum, oblata occasione, impetravi beneficium Ecclesiasticum, nempe dignitatem thesaurarii in collegiata Ecclesia.

Cum vero in Christiana Religione Pontificia quietem non invenissem, et cuperem alicui inhærere, sciens magnam esse inter Christianos et Judeos contentionem, percurri libros Mosis, et Prophetarum, ubi aliqua inveni, quæ novo fœderi non parum contradicebant, et minus habebant difficultatis ea, quæ a Deo dicebantur. Præterea veteri fœderi fidem dabant tam Judæi, quam Christiani, novo autem Fœderi soli Christiani. Tandem Mosi credens judicavi me debere legi parere, quandoquidem ille omnia se accepisse a Deo asserebat, simplicem se internuncium declarans, ab ipso Deo ad id munus vocatum, aut potius coactum (ita decipiuntur parvuli). Posita hac deliberatione, quia non erat liberum prædictam religionem in illo regno aliquo modo profiteri, cogitavi de mutando domicilio, proprios et nativos relinquendo lares. Ad eum finem non dubitavi beneficium istud Ecclesiasticum in favorem alterius resignare, nihil curans utilitatem vel honorem ex ea provenientem secundum morem gentis illius. Pulchram etiam domum reliqui in optimo civitatis loco positam, quam pater meus ædificaverat. Itaque navem adscendimus non sine magno periculo (non licet illis, qui ab Hebræis originem ducunt a regno discedere sine speciali Regis facultate), mater mea et ego cum fratribus meis, quibus ego fraterno amore motus ea communicaveram, quæ mihi super religione visa fuerant magis consentanea, licet super aliquibus dubitarem: quod quidem in magnum malum meum poterat recidere, tantum est in eo regno periculum de talibus loqui. Tandem peracta navigatione Amstelodamum appulimus, ubi invenimus Judæos libere agentes; et ad implendum Iegem præceptum de circumcisione statim implevimus.

Transactis paucis diebus expertus sum mores et ordinationes Judæorum minime convenire cum iis, quæ a Mose præcepta sunt. Si vero lex observanda erat pure, quod et ipsa petit, male qui dicuntur Judæorum Sapientes tot invenerant a lege omnino abhorrentia. Itaque non potui me continere, imo gratam rem Deo me facturum putavi, si libere legem defenderem. Sapientes isti Judæorum, qui nunc sunt, et mores suos, ac ingenium malignum adhuc retinent, pro secta et institutionibus detestandorum Pharizeorum strenue certantes, non sine ipse proprii lucri, et quemadmodum illis alias bene fuit imputatum, ut primas cathedras in templo, primas salutationes in foro habeant, nullo modo passi sunt, ut nec in minimis rebus ab illis discederem, sed per omnia vestigia eorum inviolabiliter sequerer; sin minus, minati sunt separationem a congregatione et communicatione omnium, tam in divinis, quam in humanis. Quia vero minime decebat, ut propter talem metum terga verteret ille, qui pro libertate natale solum, et utilitatis alias contempserat, et succumbere hominibus, præsertim jurisdictionem non habentibus, in tali causa nec pium, nec virile erat, decrevi potius omnia perferre et in sententia perdurare. Itaque excommunicatus fuiper illos ab omnium communicatione, et ipsi Fratres mei, quibus ego antea præceptor fueram, me trasibant, nec in platea salutabant propter metum illorum.

His ita se habentibus, deliberavi librum scribere, in quo justitiam causæ meæ ostenderem, et aperte probarem ex ipsa lege vanitatem eorum, quæ Pharisæi tradunt et observant, et repugnantiam, quam cum lege Mosis traditiones et institutiones eorum habent. Post cæptum opus accidit etiam (oportet omnia plane et vere, quemadmodum evenerunt, enarrare) ut cum resolutione et constanti deliberatione accederem sententiæ illorum, qui legis veteris præmium et pœnam definiunt temporalem, et de altera vita et immortalitate animorum minime cogitant, eo præter alia nixus fundamento, quod predicta Lex Mosis omnino taceat super his, et nihil aliud proponat observantibus et transgressoribus, quam præmium, aut pœnam temporalem. Valde lætati sunt hostes mei, simulatque intellexerunt me in talem opinionem devenisse, existimantes, se satis amplam defensionem apud Christianos per hoc solum adeptos fuisse, qui ex speciali fide in lege Evangelii fundata, ubi expresse mentio fit de æterno bono et supplicio, animæ immortalitatem et credunt, et agnoscunt. Hac intentione ducti, et ut mihi os in cæteris obturarent, ac odiosum redderent inter ipsos Christianos, antequam liber iste meus, quem scripseram, typis rnandaretur, libellum in lucem ediderunt opera cujusdam Medici, cui inscriptio erat : *De Immortalitate Animarum.*In hoc libello Medicus iste copiose me lacerabat, quasi Epicuri partes tuentem (per hoc tempus male ego de Epicuro sentiebam, et contra absentem et inauditum ex aliorum iniqua relatione setentiam temere proferebam; postquam vero aliquorum veritatis amaritium de illo judicium, et doctrinam ejus ut erat, intellexi, doleo, quod aliquando talem virum amentem et insanum pronunciavi, de quo etiam nunc non possum plene judicare, cum ejus scripta mihi sint incognita): qui enim immortalitatem animarum negabat, parum aberat, quin Deum abnegaret. Pueri istorum, a Rabbinis et parentibus edocti, turmatim per plateas conveniebant, et elatis vocibus mihi maledicebant, et omnigenis contumeliis irritabant, hereticum et defectorem  inclamantes. Aliquando etiam ante fores meas congregabantur, lapides jaciebant, et nihil intentatum relinquebant, ut me turbarent, ne tranquillus etiam in domo propria agere possem. Postquam libellus ille contra me fuerat editus, paravi me ego statim ad defensionem, et alium libellum huic contrarium scripsi, immortalitatem impugnans omnibus viribus, aliqua obiter eorum percurrens, in quibus Pharisei a Mose recedunt. Simulatque libellus iste in lucem prodiit, convenere Senatores et Magistratus Judaicus, et de me accusationem proposuerunt apud Magistratum publicum: dicentes me talem librum scripsisse, in quo immortalitatem animorum negabam, nec solum illos lædebam, sed etiam Christianam religionem convellebam. Ex hac eorum delatione fui ego ad carcerem vocatus, et cum ibi fuissem per dies octo aut decem, solutus fui sub cautione: Mulctam enim Prætor a me postulabat, et tandem condemnatus sum, ut illi solverem florenos trecentos cum amissione librorum.

Post hæc temporis decursu, cum experientia et anni multa patefaciant, ac per consequens mutent hominis judicium (liceat, ut dixi, libere loqui, quare enim non liceret ei, qui quasi testamentum conficit, ut hominibus relinquat vitæ rationem, et humanarum calamitatum Exemplum verum, saltem in morte vera enarrare?) in dubium vocavi, utrum Lex Mosis deberet pro Dei lege haberi; multa enim erant, quæ contrarium suadebant, aut potius cogebant dicere. Tandem statui legem Mosis non esse, sed tantum inventum humanum, quemadmodum alia innumera in mundo fuerunt: Multa enim pugnabant cum lege naturæ, et non poterat Deus autor naturæ contrarius esse sibi ipsi, et esset sibi contrarius, si contraria naturæ hominibus facienda proponeret, cujus autor dicebatur. Hoc ita apud me definito, dixi mecum: quæ utilitas (utinam nunquam talis cogitatio subiisset in animum meum), si usque ad mortem in hoc statu durem, separatus a communione patrum istorum, et populi istius, maxime cum advena sim in his regionibus, nec familiaritatem cum civibus habeam, quorum etiam ignoro sermonem? Satius erit in communionem eorum venire, et eorum sequi vestigia, quemadmodum volunt, simiam, ut ajunt, inter simias agendo. Hac motus consideratione redii in communionem istorum, dicta mea retractans, el illorum placitis subscribens, annis quindecim jam transactis, quibus ab illis separatus egeram. Fuit autem velut internuntius hujus concordia quidam amitinus meus.

Transactis diebus aliquot delatus fui per quendam puerum, filium Sororis meæ, quem domi habebam, super cibis, modo parandi, et aliis, ex quibus apparebat me Judæum non esse. Propter hanc delationem nova et acerba bella exorsa sunt: Nam amitinus ille meus, quem internuntium dixi concordiæ fuisse, existimans in opprobrium illius recidere factum meum, cum superbus valde esset et arrogans, imprudens admodum, et admodum etiam impudens, bellum contra me apertum exorsus est, et post se ducens omnes fratres meos, nihil reliquit intentatum, quod ad destructionem et dissipationem honoris mei, facultatum, et per consequens vitæ, possit aliquid opis conferre. Iste impedivit nuptias, quas jam jam eram contracturus; hoc enim tempus orbatus eram uxore. Is fecit, ut frater quidam meus retineret bona mea, quæ in manibus habebat, et commercium, quod inter nos erat, pervertit; quod mihi adeo nocuit propter statum, in quo tunc res meæ erant, ut vix dici possit. Nunc satis sit dicere, hunc mihi fuisse infestissimum hostem contra honorem, contra vitam, contra bona. Præter hoc bellum domesticum, ut ita dicam, aliud erat publicum bellum, nempe Rabbinorum et populi, qui novo odio me odisse cæperunt, et multa impudenter in me commiserunt, quos ideo merito fastidiebam. Intei hæc accidit adhuc aliud novum: Nam forte fortuna sermonem habui cum duobus hominibus, qui ex Londino in hanc civitatem venerant, Italo uno, altero vero Hispano, qui Christiani cum essent, nec ex Judæis originem ducerent, inopiam indicantes, consilium a me postularunt super ineunda eum Judæis societate, et transeundo in religionem illorum. His ego consului, ne tale quid facerent, sed potius ita manerent: nesciebant enim, quale jugum suis cervicibus imponebant. Interim monebam eos, ne Judæis aliquid meo nomine indicarent; quod et illi promiserunt. Maligni homines isti, intenti ad turpe lucrum, quod inde se percepturos sperabant, gratiarum loco, omnia aperuerunt Phariseis charissimis amicis meis. Tunc congregati sunt principes Synagoge, exarserunt Rabbini, et petulans turba clamavit voce magna, crucifige, crucifige eum. Vocatus sum ad consilium magrium, proposuerunt ea, quæ contra me habebant, submissa et tristi voce, quasi de vita ageretur; et tandem pronuntiarunt debere me, si Judæus eram, illorum exspectare et implere judicium: quod si non, excommunicandus iterum eram. O egregii judices, qui quidem judices estis, ut mihi noceatis, si vero ego indigeam judicio vestro, ut me liberetis ab alicujus violentia et illæsum servetis, tunc judices non estis, sed servi vilissimi, alieno subjecti imperio; quod est vestrum judicium, cui vultis, ut ego paream? Tunc prælectus est libellus, in quo continebatur, debere me veste lugubri indutum Synagogam intrare, cereum nigrum in manu tenentem, et certa quædam verba, per illos scripta, fœda satis, palam coram concione evomere, quibus iniquitates istas, quas commiseram, usque in cœlum efferebant. Post hæc debebam pati publice in Synagoga flagellari coreaceo flagello, ceu ligaculo; deinde in ipsius Synagogæ limine me prosternere, ut omnes super me transirent, et certis insuper diebus jejunare. Perlecto libello exarserunt viscera mea, et interius ira flagrabam inextinguibili; continens tamen me, simpliciter respondi, non posse talia implere. Audito responso, deliberarunt me iterum a communione separare, nec eo contenti, multi eorum transeunte me in platea spuebant, quod etiam et pueri illorum faciebant, ab illis edocti: tantum non lapidabar, quia facultas deerat. Duravit item pugna ista per annos septem, intra quod tempus incredibilia passus sum: Duo enim agmina, ut dixi, pugnabant contra me, agmen unum populi, et alterum propinquorum, qui ignominiam meam quærebant, ut vindictam de me sumerent. Isti non quieverunt, donec me a statu priori dejicerent: Dixerunt enim inter se, non faciet quicquam nisi coactus, et debet cogi. Si ægrotabam, solus ægrotabam. Si aliquod aliud onus incumbebat, hoc inter sibi valde optata expetebant. Si dicebam, ut esset aliquis judex ex medio ipsorum, qui inter nos judicaret, nihil minus. Agere coram Magistratu de talibus rebus, quod etiam cæpi tentare, res erat valde molesta. Longa enim erat via lites persequi in judicio, cui, præter multa alia onera, tot dilationes et procrastinationes inhærent. Dixerunt isti sæpius, subjice de nobis, omnes enim patres sumus, nec putes aut timeas nos tecum fœde acturos. Dic jam semel paratum te esse, omnia implere, quæ nos tibi imposuerimus et tunc relinque nobis exitum rei, nos enim omnia faciemus, quemadmodum decet. Ego, licet super hoc ipso quæstio vertebatur, et talis subjectio et acceptio, per vim extorta, mihi erat valde ignominiosa, tamen, ut rem usque ad finem perducerem, et exitum ejus oculis comprobarem, meipsum devici, constanter deliberans, omnia, quæ vellent, acceptare et experiri. Si enim fœda mihi imponerentur et inhonesta, causam meam contra ipsos magis justificabant, et palam faciebant, quinam illorum erga me erat animus, quæ fides in ipsis. Et tandem palam fiebat, quam fœdi et execrandi sint hujus gentis mores, qui honestissimis hominibus, quasi vilissimis mancipiis, ita fœde abutuntur. Ergo, dixi, omnia implebo, quæcunque mihi imposueritis. Nunc animum mihi præbete, quicunque honesti, prudentes et humani estis, et defixis mentis oculis iterum atque iterum expendite, quale judicium isti in me exercuerunt, particulares homines alienæ potestati subjecti, sine ullo peccato meo.

Intravi Synagogam, quæ hominibus et mulieribus plena erat, convenerant enim ad spectaculum et quando tempus fuit adscendi suggestum ligneum, quod est in medio Synagogæ ad concionandum, et alia officia, et clara voce perlegi scripturam ab illis exaratam, in qua continebatur confessio, me scilicet dignum esse, millies mori propter ea, quæ commiseram, nempe violationem Sabbathi, fidem non servatam, quam in tantum violavi, ut etiam aliis suasissem, ne Judaismum intrarent, et pro quorum satisfactione illorum ordinationi parere volebam, et ea implere, quæ mihi essent imposita, promittens de reliquo in similes iniquitatis et scelera non reincidere. Peracta lectione descendi a suggestu, et accessit ad me Sacratissimus præses, susurrans mihi in aurem, ut diverterem ad angulum quendam Synagogæ. Contuli me ad angulum, et dixit mihi janitor, ut me nudarem. Nudavi corpus ad cincturam usque, linteum capiti subligavi, calceos deposui, et brachia erexi, manibus tenens quandam quasi columnam. Acessit janitor ille, et manus meas ad columnam illam quadam fascia colligavit. His ita peractis accessit præcentor, et accepto corio percussit latera mea triginta et novem percussionibus secundum traditionem: nam judicium Legis est, ut numerus quadragenarium non excedat, et cum viri isti adeo religiosi, et observantes sint, cavent sibi, ne contingat, ut peccent excedendo. Inter percutiendum psalmus decantabatur. Hoc impletur, humi sedi, et accessit concionator, ceu sapiens (quam ridiculæ sunt res mortalium), qui me ab excommunicatione absolvit, et ita jam porta Cœli mihi erat aperta, quæ antea fortissimis seris clausa me a limine et ingressu excludebat. Post hæc indui vestes, et abii ad limen Synagogæ, prostravi me, et custos ipsius sustentabat caput meum. Tunc omnes, qui descendebant, transibant super me, scilicet elevabant pedem unum, et transibant ad inferiorem partem crurum meorum ; quod omnes tam pueri, quam senes fecerunt (nullæ sunt simiæ, quæ actiones magis absonas, aut gestus magis ridendos hominum oculis possint exhibere): et peracto opere, quando jam nullus restabat, surrexi e loco, et mundatus a pulvere per illum, qui mihi assistebat (nemo jam dicat istos me non honorasse, si enim me flagro percusserunt, lugebant tamen, et demulcebant caput meum) domum me contuli. O! impudentissimi omnium hominum. O! patres execrandi, a quibus non erat timendum fœdum quidquam! Hoc te percutiemus? dicebant, absit hoc cogitare. Judicet nunc qui hæc audierit, quale esset spectaculum, videre hominem senem, sortis non abjectæ, naturaliter verecundum super omnem modum, in concione publica coram omnibus tam viris quam mulieribus et pueris nudatum, et flagro cæsum ex mandato judicum, et talium judicum, qui servi potius abjecti, quam judices sunt. Consideret, qualis dolor cadere ad pedes infestissimorum hostium, a quibus tot mala, tot injuriæ acceptæ sint, et se conculcandum prosternere. Cogitet (quod majus est, et miraculum portentosum, ac monstrum horrendum, cujus intuitum et fœditatem exhorrescas et fugias dici merito potest) fratres naturales et uterinos, ex eodem patre et matre genitos, in eadem domo simul educatos, in hunc finem omnem operam impendisse, oblitos dilectionis, quæ a me fuerunt perpetuo dilecti, mihi enim erat hoc proprium et nativum, et oblitos multorum beneficiorum, quæ per me in vita acceperant, quorum loco pro retributione habui ignominiam, damnum, mala, tot fœda et nefanda, ut referre pudeat.

Dicunt nunquam satis detestandi osores mei, se ad aliorum exemplum juste de me pœnas sumpsisse, ne deinceps aliquis audeat se opponere ipsorum placitis, et contra sapientes scribat. O sceleratissimi mortaIium el totius mendacii parentes! quanto justius possem ego de istis pœnas sumere ad exemplum, ne deinceps talia auderetis impudenter contra viros veritatis amantes, osores fraudum, totius humani generis indifferenter amicos, cujus vos communes hostes estis, cum omnes gentes pro nihilo æstimetis, et inter bestias numeretis, vos autem solos in cælum usque efferatis proterve, vobis ipsis mendaciis blandientes, cum nihil habeatis, de quo vere gloriari possitis; nisi forte gloria vobis est exulare, ab omnibus contemni et odio haberi, propter ridiculos et exquisitos vestros mores, quibus a cæteris hominibus separari vultis. Si enim de simplicitate vitæ et justitia gloriari velitis, væ vobis, qui non obscure multis inferiores in his apparebitis. Dico igitur, potuisse me juste, si vires adessent, de istis sumere vindictampro gravissimis malis, et atrocissimis injuriis, quibus me repleverunt, et propter quæ vitam meam exosus sum. Quis enim honesti amans libenter sustineat vitam vivere ignominiosam? Et ut aliquis bene dixit, aut bene vivere, aut honeste mori, ingenuum decet. Tanto autem justior est causa mea causa istorum, quantum ventas præcellit mendacio. Isti pro mendacio contendunt, ut homines capiant et servos faciant: ego vero pro veritate et naturali hominum libertate, quos magis decet, a falsis superstitionibus et ritibus vanissimis liberos, vitam agere hominibus non indignam. Fateor magis ex re mea fuisse, si a principio tacuissem, et agnoscens ea, quæ in mundo fiunt, potius silerem ; ita enim expedit iis, qui inter homines acturi sunt, ne a multitudine ignara vel a tyrannis injustis opprimantur, ut fieri solent: unusquisque enim commodis suis consulens veritatem studet opprimere, et Iaqueos parvulis tendens, justitiam sub pedibus terit; tamen postquam incautus a vana religione deceptus in arenam cum istis prodii, satius est cum laude occumbere, vel saltem sine dolore mori, qui turpis fugæ, aut ineptæ patientiæ in honestis hominibus comes est. Solent isti pro se allegare multitudinem. Tu unus nobis, qui multi sumus, debes cedere. Amici, utile quidem est, ut unus multis cedat, ne ab illis lanietur; sed non omne, quod utile est, pulchrum statim est. Pulchrum profecto non est, cum ignominia discedere, ac violentis et injustis trophæum relinquere. Debetis igitur fateri, virtutem esse laude dignam, superbis resistere, quantum fieri possit, ne male facientes et utilitatem ex malitia capientes indies magis superbiant. Pulchrum quidem est, et viro pio ac generoso dignum, cum parvulis parvulum esse, cum ovibus ovem; stultum autem, ignominiæ et reprehensioni obnoxium, cum leonibus in conflictu mansuetudinem ovis induere. Quod si inter res pulcherrimas habetur pro patria pugnare usque ad necem, quia patria est aliquid nostrum, quare pulchrum non esset pro propria honestate, quæ proprie nostra est, et sine qua bene vivere non possumus, nisi forte tanquam porci fœdissimi volutemur in fœdissimo luto lucri. Sed dicunt nefarii illusores mei, totum jus suum in multitudine constituentes, quid tu unus contra tam multos posses? Fateor, et lugeo me a multitudine vestra oppressum esse; tamen propter cogitationes istas, et sermones vestros, æstuat magis ira in præcordiis meis, et clamat, impium esse erga impios, superbos, contumaces, et perseverantes, pietate uti. Unum dixi, desunt vires.

Scio adversarios istos, ut nomen meum coram indocta plebe dilanient, solitos esse dicere, iste nullam habet religionem, Judæus non est, non Christianus, non Mahometanus. Vide prius Pharisee quid dicas; cæcus enim es, et licet malitia abundes, tamen sicut cæcus impingis. Quæso, dic mihi, si ego Christianus essem, quid fuisses dicturus? Planum est, dicturum te, fœdissimum me esse idololatram, et cum Jesu Nazareno Christianorum doctore pœnas vero Deo soluturum, a quo defeceram. Si Mahometanus essem, norunt etiam omnes, quibus se honoribus fuisses cumulaturus: et ita nunquam linguam tuam possem evadere, unicum hoc effugium habens, nempe ad genua tua procumbere, et fœdissimos pedes tuos, tuas inquam nefarias et pudendas institutiones, osculari. Nunc, precor, doceas me, aliamne noveris religionem præter illas, quarum meministi et quarum duas ultimas tu pro adulterinis habens, non tam religiones vocas, quam a religione recessum. Jam audio te fatentem, unam te adhuc noscere religionem, quæ vere religio est, et cujus medio homines possunt Deo placere. Si enim gentes omnes, exceptis Judæis (oportet, ut vos semper ab aliis separemini, nec cum plebeis et ignobilibus conjungamini) servent precepta septem, quæ vos dicitis Noam servasse, et alios, qui ante Abrahamum fuerunt, hoc illis satis est ad salutem. Iam ergo est aliqua religio per vos ipsos, cui ego possum inniti, etiamsi a Judæis originem ducam: precibus enim a vobis impetrabo, ut patiamini me cum alia turba misceri, vel si non obtineam apud vos, per me licentiam sumam. O! cæce Pharizæe, qui oblitus illius legis, quæ primaria est, et a principio fuit, et erit semper, tantummodo mentionem facis aliarum legum, quæ postea esse cæperunt, et quas tu ipse damnas, tua excepta, de qua etiam, velis nolis, alii judicant secundum rectam rationem, quæ vera norma, est illius naturalis legis, quam tu oblitus fuisti, et quam libenter vis sepelire, ut gravissimum, et detestandum jugum tuum super cervices hominum imponas, et eos a sana mente deturbes, ac insanientibus similes reddas.

Sed quando in ista venimus, libet hic aliquantulum immorari, et laudes hujus primariæ legis non omnino tacere. Dico igitur hanc legem omnibus hominibus esse communem et innatam, eo ipso quod homines sunt. Hæc omnes inter se mutuo amore colligat, inscia divisionis, quæ totius odii, et maximorum malorum causa et origo est. Hæc magistra est bene vivendi, discernit inter justum et injustum, inter fœdum et pulchrum. Quicquid optimum est in lege Mosis, vel quacumque alia, hoc totum perfecte in se continet lex natura; et si tantisper ab hac naturali norma declinatur, statim oritur contentio, statim sit animorum divisio; nec quies inveniri potest. Si vero multum declinatur, quis satis erit ad recensenda mala et monstra horrenda, quæ ab hoc adulterio originem suam trahunt et incrementa ? Quid habet optimum lex Mosis, vel quæcumque alia quod respiciat societatem humanam, ut homines inter se bene vivant et bene conveniant? Profecto primum est, parentes honorare, deinceps aliena bona non invadere, sive in honore, sive in bonis aliis ad vitam conducibilibus. Quid, quæso, horum in se non continet lex naturæ et norma recta mentibus inherens? Naturaliter filios diligimus, et parentes filii, frater fratrem, amicus amicum. Naturaliter volumus omnia nostra salva esse, et odio habemus illos, qui pacem nostram turbant, qui ea, quæ nostra sunt, a nobis aut vi aut fraudibus auferre volunt. Ex hac voluntate nostra naturali sequitur apertum judicium, scilicet non debere nos ea commettere, qua in aliis damnamus. Si enim alios damnamus, qui nostra invadunt, jam nos ipsos damnamus, si aliena invaserimus. Et ecce, jam facile habemus, quidquid præcipuum est in quacumque lege. Quod adtinet ad cibos, hoc Medicis relinquamus; illi enim nos fatis apposite docebunt, quis cibus sit salutaris, quis per contrarium noceat. Quod vero ad alia ceremonialia, ritus, statuta, sacrificia, decimas (insignis fraus ut quis alieno labore fruatur otiosus) heu, heu, ideo ploramus, quia in tot labyrinthos conjecti sumus ex malitia hominum. Agnoscentes hoc veri Christiani, magna laude digni sunt, qui ista omnia in exilium migrare fecerunt, retinentes solum ea, quæ ad bene vivendum moraliter spectant. Non bene vivimus, quando multas vanitates observamus, sed vivimus bene, quando rationabiliter vivimus. Dicet aliquis, legem Mosis vel Evangelicam aliquid altius et perfectius continere, nempe ut inimicos diligamus, quod lex naturalis non agnoscit. Huic respondeo, quemadmodum superius dixi: Si a natura declinamus, et aliquid majus volumus invenire, statim oritur contentio, turbatur quies. Quid prodest, si mihi imperentur impossibilia, quæ ego implere non possim! Nulium aliud bonum inde sequetur, quam animi tristitia, si ponimus impossibile esse naturaliter inimicum diligere. Quod si non omnino impossibile sit naturaliter inimicis benefacere (hoc citra dilectionem accidere potest), quia homo ad pietatem et inisericordiam, generaliter loquendo, naturalem habet propensionem; jam non debemus negare absolute talem perfectionem in lege nature comprehendi.

IlIud nunc videamus, nempe quæ mala oriantur, quando a naturali lege plurimum declinatur. Diximus inter parentes et filios, fratres et amicos, naturale esse amoris vinculum. Tale vinculum dissolvit et dissipat lex positiva, sive illa sit Mosis, sive cujuscumque alterius, quando præcipit, ut pater, frater, conjux, amicus, filium, fratrem, conjugem, amicum, occidat vel prodat Religionis ergo, et aliquid vult talis lex majus et superius, quam ut possibile sit per homines impleri; et si impleretur, summum esset contra naturam scelus : illa enim talia horret. Sed quid jam ista memorem, quando in tantum vesaniæ homines devenerunt, ut proprios filios idolis, quæ vanissime colebant, pro holocausto obtulerint, a naturali illa norma adeo discedentes, et naturales paternos affectus adeo maculantes. Quanto dulcius foret, si mortales inter naturales limites se cohibuissent, et inventa adeo fœda nunquam invenissent ? Quid dicam de terroribus, et anxietatibus gravissimis, in quos hominum malitia alios conjecit; a quibus unusquisque liber erat, si naturam tantum audiret, quæ talia omnino nescit. Quot sunt, qui de salute desperant? qui martyria variis imbuti opinionibus subeunt? qui vitam omnino miseram sponte agunt, corpus misere macerantes, solitudines et recessus a communi aliorum societate quærentes, internis cruciatibus perpetuo vexati; quippe qui mala, quæ futura timent, jam tanquam præsentia lugent! Hæc et alia mala innumera, falsa religio, ab hominibus malitiose inventa, mortalibus adduxit. Nonne ego ipse unus sum ex multis, qui per tales impostores valde deceptus fui, et illis credens me pessumdedi? Loquor tanquam expertus. At dicunt, si non alia sit lex quam naturæ lex, nec homines ex fide habeant alteram restare vitam, et timeant pœnas æternas, quid est, cur non perpetuo malefaciant? Vos talia inventa excogitastis (fortassis aliquid amplius latet, timendum est enim, ne propter utilitates vestras onus super alios imponere volueritis), in hoc similes illis, qui ut infantes terrefaciant, larvas fingunt, vel aliqua nomina atrocia excogitant, donec pueruli metu perculsi eorum voluntati acquiescant, voluntatem propriam captivantes cum tædio et mærore. Sed prosunt ista quidem, quamdiu infans infans est; quamprimum tamen oculos mentis aperit, ridet fraudem nec jam larvam timet. Sic vestra ista ridicula sunt, quæ solum infantibus aut bardis  possunt timorem injicere; alii autem, qui vestra norunt vos rident. Mitto nunc de justitia fraudis hujus disserere; cum vos ipsi, qui talia fingitis, inter juris regulas habeatis, non esse facienda mala ut veniant bona. Nisi forte inter mala non numeratis, mentiri in grave aliorum præjudicium, occasionem pusillis dantes insaniendi. Quod si vel umbra Religionis veræ, aut timoris in vobis esset, procul dubio non modice timere debuissetis, quando tot mala in orbem terrarum induxistis: tot dissidia inter homines excitastis: tot iniqua, et impia instituistis, adeo ut parentes contra filios, et filios contra parentes impie incitare non dubitaveritis. Unum vellem a vobis interrogare, nempe, si quando ista fingitis propter hominum malitiam, ut illos fictis terroribus in officio contineatis, alioquin male victuros, subit vobis in mentem vos similiter homines esse malitia repletos, qui nihil boni potestis præstare, nihil nisi malum perpetuo exequi, aliis nocere, in neminem misericordiam exercere? Video jam vos mihi irasci, qui tale quidquam ausus sum a vobis interrogare, et unumquemque vestrum strenue contendere pro justitia actionum suarum. Nullus est, qui non dicat se esse pium, misericordem, veritatis et justitia amantem. Aut igitur falsa loquimini talia de vobis annunciantes; aut falso accusatis omnium hominum malitiam, cui vestris larvis et fictis terroribus mederi vultis, contumeliosi in Deum, quem tanquam crudelissimum carnificem et horribilem tortorem oculis hominum exhibetis, contumeliosi in homines, quos ad tam deplorandam miseriam natos esse vultis, quasi illa satis non sint, quæ cuique in vita accidunt. Sed esto, quod magna sit hominum malitia, quod et ipse fateor, et vos ipsi mihi testes estis, cum sitis extreme malitiosi, alioquin talia commenta comminisci non valeretis; quærite remedia efficacissima, quæ citra majorem læsionem morbum hunc ab hominibus omnibus generaliter expellant, et deponite larvas, quæ tantum contra infantes et stolidos vim habent. Si vero morbus hic in hominibus insanabilis est, desistite a mendaciis, nec tanquam inepti medici promittatis sanitatem, quam non potestis præstare. Contenti estote inter vos leges justas et rationabiles stabilire: bonos præmiis ornare, malos digno supplicio afficere: eos, qui vim patiuntur, a violentis liberate, ne clament justitiam non fieri in terra, nec esse, qui infirmum eripiat a manu fortioris. Profecto si homines rectam rationem sequi vellent et vivere secundum naturam humanam, omnes se mutuo diligerent, omnes sibi mutuo condolerent. Unusquisque alterius calamitatem, quantum posset, sublevaret, vel saltem nullus alium gratis offenderet. Quæ contra fiunt, contra humanam naturam fiunt; et multa fiunt, quia homines diversas leges a natura abhorrentes sibi invenerunt, et alius alium irritat malefaciendo. Multi sunt, qui ficte ambulant, et se extreme religiosos simulant, et incautos decipiunt, tegumento Religionis, ad capiendos, quos possint, abutentes; qui recte comparari possunt furi nocturno, qui somno sopitos, nec tale quid cogitantes, per insidias adoritur. Hi in ore solent habere, Judæus sum, Christianus sum, crede mihi, non te decipiam. O! malæ bestiæ: ille, qui nihil horum dicit, et se tantum hominem profitetur, multo melior vobis est. Si enim ei tanquam homini non vultis credere, potestis cavere; vos autem quis cavebit, qui, amicti ficto pallio sanctitatis fictæ, tanquam fur nocturnus incautos et dormientes per foramina invaditis ac misere strangulatis?

Unum inter multa miror, et vere mirandum est, quomodo possunt Pharizæi inter Christianos agentes uti tanta libertate, ut etiam judicia exerceant; et vere dicere possum, quod si Jesus Nazarenus, quem Christiani adeo colunt, hodie concionaretur Amstelrodami, et placeret Pharizæis illum denuo flagris cædere, propterea quod traditiones illorum impugnaret et hypocrysim objiceret, hoc libere facere possent. Certe hoc ignominiosum est, et quod tolerari non debuit in civitate libera, quæ profitetur homines in libertate et pace tueri, et tamen non tuetur a Pharizæorum injuriis. Et quando quis non habet defensorem aut vindicem, nil mirum, si ipse per se quærat se defendere, et injurias acceptas vindicare.

Habetis vitæ meæ historiam veram; et quam personam in hoc mundi vanissimo theatro ego egi, in vanissima et instabilissima vita mea, exhibui vobis. Nunc juste judicate filii hominum, et sine ullo affectu, libere secundum veritatem judicium proferte: hoc enim imprimis viris dignum est, qui vere viri sunt. Quod si aliquid inveneritis, quod vos ad commiserationem rapiat, miseram hominum conditionem agnoscite et deplorate, cujus et ipsi participes estis. Ne hoc etiam desit, nomen meum, quod habui in Portugallia Christianus, Gabriel a Costa, inter Judæos, quos utinam nunquam accessissem, paucis mutatis, Uriel vocatus sum.

BIBLIOTHECA LUSITANA, de Diogo Barbosa Machado

GABRIEL DA COSTA, natural da Cidade do Porto, e filho de Pays nobres, e Catholicos posto que descendentes da Nação Judaica, que o educarão com aquelles documentos, e artes dignas de hum mancebo bem nacido, sendo muito destro no manejo dos cavallos em que imitou a seu Pay, que neste exercicio foy peritissimo. Para cultivar o engenho que era muito perspicàs elegeo entre todas as Faculdades a Jurisprudencia Cesarea em que fez grandes progressos pelos quais mereceo quando contava vinte e sinco annos de idade obter a dignidade Ecclesiastica de Thezoureiro Mòr em huma Collegiada deste Reyno.

Temeroso da condenação eterna, e solicito da salvação revolvia com incansavel disvelo varios livros asceticos, e outros de Theologia Moral, e da sua lição começou a duvidar como podião ser perdoados os pecados na Confição sacramental do que concebeo tal aflição, e perplexidade no animo, que fluctuando entre a eleição da Ley, que havia de seguir, apostatou da Catholica em que fora educado, e abraçou a Moysaica para cujo effeito conhecendo que na patria havia de ser punido por desertor da verdadeira Religião sem participar a pessoa alguma o seu intento renunciado o Beneficio, e deixadas as cazas nobres que seu Pay edificara no Porto, fugio clandestinamente com sua Mãy, e Irmãos para Amsterdam onde se circuncidou mudando o nome de Gabriel em Uriel. Depois de examinar com grande reflexão que a ley que os Iudeos observavam naquella Cidade era muito diferente da que promulgara Moyses, julgando por horrendo absurdo esta transgressão, escreveo hum livro em que mostrava claramente pelos fundamentos da mesma ley como lhe erão totalmente opostas, e repugnantes as tradiçoens dos Fariseos de que se originou hum tão furioso odio dos Iudeos contra a sua pessoa, principalmente por negar a immortalidade da alma, que lhe chamavão publicamente herege, e era apedrejado nas ruas todas as vezes que aparecia. Não forão bastantes tão graves oprobrios para que refolutamente animozo sahisse com hum Tratado em que sustentava a sua opinião de não ser a alma immortal por cuja causa sendo delatado pelos Iudeos aos Magistrados de Amsterdão acuzando-o de ofender igualmente a ley de Moyses como arruinar os fundamentos da Religião Christaã, de que resultou depois de estar preso 18. dias ser condenado em trezentos Florins com perda de todos os livros. Cahindo de hum abismo, em outro mayor começou a afirmar que a Ley de Moyses não fora dada por Deos, mas era hum invento humano por conter muitos preceitos repugnantes à ley da natureza, e não podia Deos como Author da mesma natureza ser contrario a si mesmo; e certamente o seria se propuzesse aos homens preceitos, que se não podião observar. Sendo acuzado por hum seu sobrinho de ser infiel aos Rabinos concitou contra si a colera dos sequazes da Sinagoga com tal excesso, que tumultuariamente o levarão à prezença dos Juizes, e sendo exarninado escrupulosamente das suas propofiçoens o condenarão a que despido até a cintura, e descalso dentro da Sinagoga fosse açoutado recebendo trinta, e nove açoutes não chegando ao numero de quarenta por ser prohibido pela Ley. Estimulado desta publica injuria resolveo vingar-se de quem fora o seu principal author contra o qual disparando hum bacamarte como errasse o tiro, e fosse conhecido, com a mesma arma se privou da vida no mez de Abril de 1640 como escreve João Mallero  in *Prolog. ad Judaism*. detect. pag. 71 . ou no anno de 1647. como querem João Clerc *Bib. Univ*.Tom. 7. pag. 327. e João Christovão Wolfio  *Bib. Hebraic.*.pag. 131. §. 203. Fazem delle menção Imbonato *Bib. Latin. Hebraic*. pag. 201. col. 1. pag. 208. *Bib. Magna Eccles*.  Tom. 1. pag. 70. col. 2. Bayle *Diccion. Historiq. e Critiq*.Tom. 1. pag. mihi 67. Joan. Moller *Homonymoscopia.* pag. 784. e Bern. Mart. Diefenbach*. in Judaeo convertend*. p. 132.

Compoz.

*Exame de Tradiçoens Farisaicas conferidas com a Ley escrita contra a immortalidade da alma.*

Amsterdam por Paulo Ravenstein 1623. 8. Esta obra foy escrita contra o *Tratado da Immortalidade da alma* que compoz o Doutor Samuel da Sylva de profissão medico o qual foy impresso Amsterdão anno da Creação do Mundo 5383 . que corresponde ao de Christo. 1623.

*Exemplar humanae vitae.* Foy achada esta obra entre os M. S. de Simão Episcopio, e publicada por Filipe Limborck no fim do seu doutissimo Tratado intitulado *Amica collatio cum erudito Judaeo.* Goudae apud Justum ab Hoeve. 1687. 4. a pag. 341. Nelle narra os tragicos sucessos da sua vida, e faz huma acerrima invectiva contra os Judeos de quem se queixa fora tyranamente tratado onde involve alguns argumentos com que impiamente impugna toda a Revelação divina, e toda a religião revelada, como fabricada pela malicia humana, vomitando muitas proposiçoens contra o Christianismo de que foy impio desertor. Filipe Limborck o confusa doutamente naquella parte que respeita à Revelação divina com hum Tratado particular que intitulou  *Brevis refutatio argumentorum quibus Acosta omnem Religionem revelatam impugnat.* Sahio impresso com o Exemplar vitae humanae do mesmo Gabriel da Costa.